

Características do novo jornalismo propostas por Tom Wolfe não estão presentes em livros-reportagem ¹

Marcos Antônio ZIBORDI ²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP
Universidade Cruzeiro do Sul, SP

RESUMO

Este artigo apresenta resultados de pesquisa de pós-doutorado sobre livro-reportagem que contrapõe as quatro características presumivelmente literárias das narrativas jornalísticas segundo Tom Wolfe. Metodologicamente, listamos 62 obras mais citadas pela teoria do “novo jornalismo”. E, diferente do que reitera essa teoria hegemônica, constatamos que nesses livros-reportagem os diálogos são residuais, a condução das histórias não ocorre em sequência de cenas, o narrador não é um personagem e os detalhes significativos não são exclusividade realista, nem jornalística. Desconstruída, a teoria do “novo jornalismo” carece de revisão crítica, incidindo sobre a pesquisa, o ensino e a produção de livros-reportagem.

PALAVRAS-CHAVE: Novo jornalismo; Tom Wolfe; livro-reportagem.

INTRODUÇÃO

Segundo o jornalista e teórico norte-americano Tom Wolfe, em conhecida proposta conceitual lançada em livro em 1973, o “novo jornalismo” teria quatro características literárias incorporadas de romances realistas. A primeira seria “a construção cena a cena, contar a história passando de cena para cena e correndo o mínimo possível à mera narrativa histórica” (2005, p. 53-54).

O segundo recurso seria a reprodução completa de diálogos. Para captá-los, jornalistas precisariam testemunhar situações. A importância do diálogo é que “envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso. Ele também estabelece e

¹ Trabalho apresentado virtualmente no Grupo de Pesquisa – Gêneros Jornalísticos do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), realizado de 29 a 31 de agosto (etapa remota) e 5 a 8 de setembro (presencial) de 2023.

² Pós-doutorando na Escola de Comunicações e Artes (ECA), Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE), da Universidade de São Paulo (USP). Editor e repórter da Agência de Notícias das Favelas (ANF). Docente do curso de Jornalismo da Universidade Cruzeiro do Sul. E-mail: mzibordi@hotmail.com

define o personagem mais depressa e com mais eficiência do qualquer outro recurso” (2005, p. 54).

O terceiro procedimento seria o “ponto de vista da terceira pessoa”. Trata-se da “técnica de apresentar cada cena ao leitor por intermédio dos olhos de um personagem particular”, que daria “a sensação de estar dentro da cabeça do personagem, experimentando a realidade emocional da cena como o personagem a experimenta” (2005, p. 54).

O quarto recurso, para Wolfe o menos entendido, consiste no registro de detalhes, o que “não é mero bordado em prosa. Ele se coloca junto ao centro de poder do realismo” (2005, p. 55).

A incorporação desses quatro recursos realistas em textos jornalísticos teria causado profundas alterações no panorama literário norte-americano, segundo Tom Wolfe:

E, de repente, em meados dos anos 60, aparece um bando desses lumpemproletários, nada mais, nada menos, um bando de escritores de revistas de papel brilhante e suplementos de domingo sem credencial literária alguma na maioria dos casos – só que usando todas as técnicas do romancista, até as mais sofisticadas – e ainda por cima se permitindo os insights dos homens de letras – e, ao mesmo tempo, fazendo ainda suas reportagens pedestres, ‘cavadoras’, prostituídas, malditas reportagens do tipo vestiário – assumindo *todos* esses papéis ao mesmo tempo – em outras palavras, ignorando a divisão de classes literárias que passou quase um século se constituindo. (WOLFE, 2005, p. 44).

A influência desse novo jornalismo é mundial. No Brasil, diversos autores corroboram com as posições de Tom Wolfe (BELO, 2006; BORGES, 2013; BULHÕES, 2007; LIMA, 2009; MARTINEZ, 2016; PENA, 2018). Contudo, nesta pesquisa constatamos que os quatro pressupostos supostamente incorporados da literariedade realista quase não estão presentes em livros-reportagem norte-americanos, latino-americanos (incluindo brasileiros) e europeus, a maior parte publicados no século 20.

Tal constatação se dá com base em 62 livros-reportagem analisados, cuja escolha é feita a partir das próprias indicações teóricas, ou seja, as longas narrativas jornalísticas que verificamos são aquelas que autoras e autores apontam como representativas.

METODOLOGIA

Foram realizados basicamente dois procedimentos metodológicos. O primeiro consistiu em anotar os livros-reportagem mencionados por teóricos como obras referenciais do “novo jornalismo”. Com isso, construímos uma tabela das obras jornalísticas mais citadas, tendo à frente *A Sangue Frio* (2003), de Truman Capote, com 23 menções, seguido de *Os Sertões* (2016), de Euclides da Cunha, com 12 citações.

Abaixo, reproduzimos a tabela dos 62 livros-reportagem analisados com base nas menções teóricas. Estão destacadas as dez obras mais citadas.

Tabela 1: Livros-reportagem analisados

ANO	TÍTULO DA OBRA	AUTOR	PAÍS	Citações
1722	Um diário do ano da peste	Daniel Defoe	Inglaterra	
1836	Retratos londrinos	Charles Dickens	Inglaterra	
1843	Os jornalistas	Honoré de Balzac	França	
1887	Dez dias num hospício	Nellie Bly	EUA	
1895	A ilha de Sacalina: notas de viagem	Anton Tchêkhov	Rússia	
1902	Os sertões	Euclides Cunha	Brasil	2º = 12
1905	Os subterrâneos do morro do Castelo	Lima Barreto	Brasil	
1914	México insurgente	John Reed	EUA	
1919	Dez dias que abalaram o mundo	John Reed	EUA	8º = 8
1933	Na pior em Paris e Londres	George Orwell	Inglaterra	
1942	O segredo de Joe Gould	Joseph Mitchel	EUA	
1946	Hiroshima	John Hersey	EUA	3º = 12
1952	Filme	Lillian Ross	EUA	
1966	A sangue frio	Truman Capote	EUA	1º = 23
1967	Hell's Angels	Hunter Thompson	EUA	
1968	Os exércitos da noite	Norman Mailer	EUA	7º = 9
1968	O teste do ácido do refresco elétrico	Tom Wolfe	EUA	
1970	Relato de um naufrago	Gabriel G. Márquez	Colômbia	

1971	Honra teu pai	Gay Talese	EUA	
1971	O reino e o poder	Gay Talese	EUA	
1974	Todos os homens do presidente	Carl Bernstein Bob Woodward	EUA	
1976	A ilha	Fernando Moraes	Brasil	
1976	Araceli, meu amor	José Louzeiro	Brasil	
1976	Esta noite a liberdade	Dominique Lapierre Larry Collins	França	
1978	Cuba de Fidel	Ignácio de Loyola Brandão	Brasil	
1978	Lúcio Flávio, o passageiro da agonia	José Louzeiro	Brasil	4º = 11
1978	Porque Cláudia Lessing vai morrer	Valério Meinel	Brasil	
1979	A canção do carrasco	Norman Mailer	EUA	
1980	A mulher do próximo	Gay Talese	EUA	
1980	O massacre de Cantagalo	Íris Lopes	Brasil	
1981	Aézio, um operário brasileiro	Valério Meinel	EUA	
1981	Society cocaína	Percival de Souza	Brasil	
1984	A infância dos mortos	José Louzeiro	Brasil	
1984	A máfia no Brasil	Edson Magalhães	Brasil	
1985	Olga	Fernando Moraes	Brasil	6º = 9
1987	A menina que comeu cério	Fernando Pinto	Brasil	
1988	1968: o ano que não acabou	Zuenir Ventura	Brasil	
1992	Rota 66	Caco Barcellos	Brasil	5º = 10
1993	O crime da novela das oito	Sérgio de Souza	Brasil	
1994	Chatô, o rei do Brasil	Fernando Moraes	Brasil	9º = 6
1994	Jornalismo de in(ve)stigação	Sérgio B. Gusmão	Brasil	
1995	Caso Escola Base	Alex Ribeiro	Brasil	
1995	Estrela solitária	Ruy Castro	Brasil	
1996	Notícia de um sequestro	Gabriel G. Márquez	Colômbia	
1996	O século do crime	Cláudio Tognolli José Arbex Jr.	Brasil	
1996	As duas mortes de PC Farias	Luís Costa Pinto	Brasil	
1996	Na natureza selvagem	Jon Krakauer	EUA	

1997	A incrível e fascinante história do capitão mouro	Georges Bourdoukan	Brasil	
1999	A academia do fardão e da confusão	Fernando Jorge	Brasil	
1999	Notícias do Planalto	Mário Sérgio Conti	Brasil	
2001	O bandido que sabia latim	Toninho Vaz	Brasil	
2001	O cigarro	Mário C. Carvalho	Brasil	
2001	Cobras criadas	Luiz M. Carvalho	Brasil	
2003	Abusado	Caco Barcellos	Brasil	10º = 7
2003	Se liga: o livro das drogas	Mylton Severiano	Brasil	
2004	Rompendo a cerca: a história do MST	Sue Brandford e Jan Rocha	Brasil	
2005	Paixão de João Antônio	Mylton Severiano	Brasil	
2007	O massacre de Eldorado dos Carajás	Eric Nepomuceno	Brasil	
2010	A Batalha de Porto Alegre	Sinval Medina	Brasil	
2013	Vozes de Tchernóbil	Svetlana Aleksievitch	Rússia	
2015	Condenado à morte	Ricardo Gallo	Brasil	
2016	O reino da fala	Tom Wolfe	EUA	

Fonte: BELO, 2006; BORGES, 2013; BULHÕES, 2007; CATALÃO JR., 2010; COSSON, 2001; FERREIRA, 2003; HARTSOCK, 2000; KRAMER, SIMS, 1995; LIMA, 1990; LIMA, 1993; LIMA, 2009; LIMA, 2014; MARTINEZ, 2016; MELO, 1985; OLINTO, 1958; PENA, 2021; PENA, 2018; SIMS, 1984; SOUZA, 2010; WOLFE, 2005.

Tal classificação é, aparentemente, bastante problemática, pois é difícil enquadrar no mesmo conjunto obras tão distantes no tempo e tão díspares estilisticamente, tematicamente, entre outras diferenças importantes, como nos dois livros-reportagem que encabeçam a lista de citações. Mas essa heterogeneidade revela antes as disparidades da própria teoria do que uma escolha arbitrária ou aleatória da pesquisa. A listagem mostra não só as grandes diferenças entre as obras valorizadas pela tradição teórica, mas a complexidade desconsiderada por ela ao canonizar narrativas jornalístico-literárias.

À medida em que a tabela de livros-reportagem mais citados foi sendo construída, com base na leitura das referências teóricas, procedemos à verificação dos quatro aspectos elencados por Tom Wolfe. Levando em conta a dificuldade em manejar 62 obras, somente entre as jornalísticas, além de 33 romances realistas, escolhidos com o mesmo método,

produzimos uma ficha de leitura para cada narrativa, cujos itens anotados são, inevitavelmente, os quatro pressupostos conceituais do novo jornalismo: narração cena a cena; diálogos; narrador-personagem e detalhes significativos.

Criamos ainda um quinto item para anotação de aspectos que consideramos relevantes para a pesquisa, além daqueles propostos por Tom Wolfe.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Grande parte das referências conceituais são as próprias autoras e autores relevantes para a teoria do “novo jornalismo”, listados como fonte da tabela anterior. São continuadoras e continuadores das propostas de Tom Wolfe no Brasil. Verificamos que quase não há divergência entre a produção nacional e os conceitos lançados pelo norte-americano, e quando existem contrapontos, circulam pouco, como a tese de doutorado de Catalão (2010), talvez por ser da área de linguística, ou as pesquisas divergem de aspectos que não são prioritariamente literários, como em Ferreira (2003).

Uma medida do pensamento hegemônico sobre jornalismo literário é dada por Martinez, quando afirma, sobre *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, de Tom Wolfe, que “talvez não haja, em todo o arcabouço teórico e prático escrito sobre Jornalismo Literário, aula mais magna do que esta”, porque “expõe de forma clara e cristalina as técnicas fundamentais que transformam um texto comum em uma sofisticada narrativa jornalística a moda do JL” (2016, p. 38).

A tradição teórica naturalmente incorpora obras e exclui outras. Esta pesquisa verificou que, no Brasil, há relevantes abordagens anteriores a Tom Wolfe, como as de Alceu Amoroso Lima (1990) e de Antônio Olinto (1958). Além da anterioridade nacional, as teorias e práticas do novo jornalismo norte-americano foram questionadas tão logo aportaram por aqui, como no exame de qualificação mestrado de Cremilda Medina, em 1975:

Os discípulos de Tom Wolfe enfatizam os aspectos formais, literários (no sentido formalista da palavra), como se o objeto desse novo jornalismo fosse um bom texto e nada mais. Na realidade, o que ocorre aqui é uma imaturidade para assimilar a transformação (MEDINA, 2016, p. 69).

Em *Jornalismo Interpretativo*, de Luiz Beltrão, cuja primeira edição é do ano seguinte à crítica de Cremilda Medina, o autor associa o novo jornalismo ao nazismo e ao fascismo, um “jornalismo de evasão, cultivado pela incultura contemporânea; a interpretação adulterada ou pessoal e interessada. A interpretação para a massa que, aos olhos vessos desses jornalistas, continua incapaz de julgar por si própria” (1980, p. 41).

Para problematização dos quatro aspectos literários elencados por Tom Wolfe, mobilizamos obras de análise e história das narrativas (MOTTA, 2013; SHOLES, KELLOGG, 1977); Bakhtin (1997, 2011) e seus comentadores (FARACO, 2003) para discutir a trajetória de constituição do romance e a função dos diálogos; procuramos compreender a questão do narrador e da narrativa, especialmente se ela pode ser construída somente elencando cenas (BENJAMIN, 1987; SANTIAGO, 1989; MEDINA, 2010; TODOROV, 1969, 1971, 1980); e fomos a literatos e teóricos como Baudelaire (1992), Balzac (2015) e Dionísio (2005) para verificar se a valorização de detalhes significativos é característica somente do realismo.

PRINCIPAIS RESULTADOS

O principal resultado da pesquisa é demonstrar empiricamente que os quatro pressupostos teóricos elencados por Tom Wolfe como característicos das narrativas literário-jornalísticas não estão presentes nos livros-reportagens mais citados por ele por e seus continuadores brasileiros.

O diálogo, que seria reproduzido de forma completa, praticamente não existe na maioria dos livros-reportagem analisados. Em *Os Sertões* (2016), há nove falas de um enunciado (p. 194, 195, 196, 199, 203, 204, 211, 293); um diálogo com três enunciados (p. 112); outro com quatro (p. 293); e somente duas conversas longas, mesmo assim intercaladas por intervenções do narrador (p. 131-132, 355-356).

Quanto à condução das histórias, o narrador as dirige em terceira pessoa, onipresente e onisciente, e não há espaço para falas de personagens. Na única obra analisada em que há deslocamento da voz majestática em terceira pessoa, *Os Exércitos da Noite*, de Norman Mailer (1968), o narrador-personagem é o próprio autor, reforçando duplamente um único ponto de vista.

A condução cena a cena também não se verifica. O que ocorre é alternância entre cena e sumário, ou seja, entre a fixação de uma ocorrência e a interferência do narrador resumindo fatos e fazendo avançar a história.

No que diz respeito aos detalhes significativos, além da dificuldade em saber se eles realmente o são porque não conhecermos a situação de reportagem, certamente não constituem exclusividade do realismo, nem das narrativas literário-jornalísticas. Sua valorização é muito anterior, milenar. No tratado de teoria literária *Do sublime*, provavelmente escrito no primeiro século cristão, o autor afirma que “encontraríamos necessariamente uma causa do sublime na escolha indefectível das partes mais essenciais” (DIONÍSIO, 2005, p. 81).

CONCLUSÃO

A pesquisa diverge, em larga medida, da noção de livro-reportagem como romance, não porque tais confluências literárias sejam impossíveis, mas porque não foram realizadas nos livros-reportagem analisados e, mesmo quando aparecem as características propostas por Tom Wolfe, são insuficientes para atribuir caráter literário. Nas obras analisadas, não atribuíram.

As noções sobre literariedade jornalística são repetidas acriticamente no Brasil e carecem de verificação empírica. Os desdobramentos são nefastos para o teoria e para o ensino de Jornalismo, considerando a enorme importância que os gêneros literário-jornalísticos têm nas graduações particulares e públicas brasileiras (FERNANDES, FERREIRA, LIRA, MARTINEZ, OLIVEIRA, PERES, FIGUEIREDO, GAVER, 2022, p. 10).

O pensamento hegemônico que contrapomos desconsidera contribuições nacionais anteriores ao pensamento de Tom Wolfe, além de deixar de fora do cânone teórico conceituações sobre narrativas jornalísticas mais amplas e complexas, como as de Cremilda Medina (2022, 2016, 2010, 2003, 2001, 1998), que podem ampliar as noções de narrativa e narrador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- BALZAC, H. **Os jornalistas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BAUDELAIRE, Charles. Madame Bovary. In: **Reflexões sobre meus contemporâneos**. São Paulo: EDUC/Imaginário, 1992.
- BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BELTRÃO, L. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BENJAMIN, W. “O narrador”. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BORGES, R. **Jornalismo literário – análise do discurso**. Florianópolis: Insular, 2013.
- BULHÕES, M. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CAPOTE, T. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CATALÃO, A. H. **Jornalismo best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, 2010.
- CUNHA, E. **Os sertões**. São Paulo: Ubu Editora, Edições Sesc São Paulo, 2016.
- DIONÍSIO ou LONGINO. Do sublime. In: **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- FERREIRA, C. R. **Literatura e jornalismo, práticas políticas**. São Paulo: Edusp, 2003.
- KELLOGG, R., SHOLES, R. **A natureza da narrativa**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.
- LIMA, A. A. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte, Edusp, 1990.
- LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2009.
- MAILER, N. **Os exércitos da noite (Os degraus do Pentágono)**. Rio de Janeiro: Record, 1968.
- MARTINEZ, M. **Jornalismo literário – tradição e inovação**. Florianópolis, Insular, 2016.
- MARTINEZ, M.; FERREIRA, A. L.; FERNANDES, C.; LIRA, E.; OLIVEIRA, M.; PERES, S.; FIGUEIREDO, V.; GAVER, V. Mapeamento do Jornalismo Literário como Disciplina: referenciais teóricos e práticos mais empregados no Brasil. **Anagrama**, v. 16, n. 1, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/193876>. Acesso em: 18/01/2022.

MEDINA, C. **Memórias lúdicas: em tempo de pandemia**. São Paulo: Portal do Envelhecimento Comunicação, 2022.

_____. **Ato presencial: mistério e transformação**. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

_____. O criador da assinatura coletiva. In: **Liberdade de expressão, direito à informação nas sociedades latino-americanas**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2010, p. 145-155.

_____. **A arte de tecer o presente**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2013.

OLINTO, A. **Jornalismo e literatura**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1958.

PENA, F. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2018.

SANTIAGO, S. O narrador pós-moderno. In: **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

TODOROV, T. **Os gêneros do discurso**. Tradução Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

_____. **As estruturas narrativas**. Tradução Moysés Baumstein. São Paulo: Perspectiva, 1969.

_____. **Estruturalismo e poética**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Perspectiva, 1971.

WOLFE, T. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.